

## CONCEPÇÕES DE ALUNOS E DOCENTES ACERCA DA INCLUSÃO DE SUJEITOS SURDOS NA ESCOLA COMUM

Jaline Francisca De Souza Felix  
Faculdade Multivix, Cariacica-ES.  
[jalinefsouza@gmail.com](mailto:jalinefsouza@gmail.com)

Rosilene Aparecida Da Silva Faustino Freitas  
Faculdade Multivix, Cariacica-ES.  
[rosidefreitasf@gmail.com](mailto:rosidefreitasf@gmail.com)

Michell Pedruzzi Mendes Araújo,  
Doutorando-PPGE/CE/UFES, Prof. da Faculdade Multivix, Cariacica-ES.  
[michellpedruzzi@yahoo.com.br](mailto:michellpedruzzi@yahoo.com.br)

Eixo temático: Propostas Curriculares e Práticas Pedagógicas  
Comunicação Oral

**Resumo:** A surdez tem sido um tema muito peculiar nas discussões da contemporaneidade, visto a sua real necessidade de informação e conhecimento da comunidade surda no contexto da escola comum. Diante do exposto esse artigo surgiu da necessidade de estudar e ouvir quais são as concepções de alunos e docentes acerca da inclusão de sujeitos surdos na escola comum. Com seriedade foram levadas em consideração as subjetividades e o respeito às opiniões de modo a corresponderem aos objetivos propostos, os quais foram estes: compreender as concepções dos professores e discentes sobre a escola bilíngue, conhecer a proposta de educação de surdos segregados (especializada), saber quais os desafios encontrados no processo de inclusão dos surdos, entender a práxis pedagógica dos professores e sua rotina e sensibilizar sobre a importância do ensino bilíngue de LIBRAS. Para atingir esses objetivos foi desenvolvido um estudo de caráter qualitativo, sendo um estudo exploratório cuja produção de dados se deu por meio de questionários semiestruturados. No decorrer da pesquisa foi realizada a análise de dados conforme teoria sócio-histórica de Vigotski<sup>1</sup>. Como resultados desse estudo destacam-se os desafios encontrados para a inclusão escolar dos surdos e as lacunas que surgem da necessidade de se trabalhar conceitos da educação inclusiva na perspectiva da surdez, de maneira mais eficaz na escola comum e em algumas instituições com o CAS<sup>2</sup>. Dessa forma, os sujeitos relacionados ao processo de escolarização dos surdos, sejam eles educandos ou educadores, serão sensibilizados sobre a perspectiva da inclusão escolar e os conceitos relacionados a ela.

**Palavras-chave:** Inclusão. Surdos. Educação Bilíngue.

---

<sup>1</sup> Utilizaremos esta grafia para o autor Vigotski porque é a transliteração mais próxima da Língua Portuguesa.

<sup>2</sup> Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez-CAS.

## Introdução

Este estudo busca entender quais são as concepções de alunos e docentes acerca da inclusão de sujeitos surdos na escola comum, sobre o ambiente escolar de ensino e suas perspectivas em relação à inclusão do aluno surdo.

Analisando a história da inclusão do sujeito surdo na escola comum e na educação de modo geral constata-se que os surdos, desde os egípcios, eram entendidos como pessoas incapazes de se comunicar oralmente e logo não eram vistos como humanos (SALES *et al*, 2012).

A comunidade de surdos antes de 1750 não tinha sequer acesso à escola, portanto, não eram alfabetizados em sua língua de origem e assim ficavam à mercê de uma sociedade ignorante que não entendiam suas dificuldades e seus direitos como ser humano. A preocupação com esse grupo veio fortemente por influência do cristianismo em que podemos observar durante o período histórico que surgiu na Espanha o monge beneditino, Pedro Ponce de Leon, que foi considerado o primeiro professor de surdos. “Ele instituiu, no mosteiro de Valladolid, uma escola onde se dedicava a educar os surdos que eram filhos de nobres. Ele os ensinava a falar, ler, escrever, a rezar e apresentou aos surdos os dogmas da igreja Cristã” (SALES *et al*, 2012, p.37). Nessa mesma época Pedro também criou a metodologia de ensino de surdos por meio da datilologia<sup>3</sup>, escrita e oralização e fundou também uma escola de professores surdos (SALES *et al*, 2012).

Pode-se dizer que a educação dos surdos foi dividida em duas fases. A primeira ocorre na antiguidade se caracteriza em não considerar a pessoa surda como humano e capaz de aprender (ou seja, ser educada), já na segunda fase, a partir do século XVI, essa visão até mesmo de compaixão que tinham foi alterada

---

<sup>3</sup> Alfabeto manual de língua de sinais.

entendendo que são humanos capazes de aprender e de ser educável (SALES *et al*, 2012).

No Brasil o processo educacional dos surdos teve seu início no segundo império, no século XIX, nas quais as ideias foram trazidas pelo francês Edward Huet. No Rio de Janeiro foi fundada em 1857 a primeira escola de surdos no Brasil que teve como primeiro professor o cidadão surdo francês, Edward Huet, que trouxe a Língua de Sinais Francesa para auxiliar no processo de educação do surdo (SALES *et al*, 2012).

Inicialmente a escola denominava-se Imperial instituto de Surdos-Mudos, a escola para surdos no Rio de Janeiro recebeu, posteriormente, o nome de (INES) - Instituto Nacional de Surdos (PEREIRA *et al*, 2011). A língua de sinais francesa serviu como base para Edward Huet para mesclar e formar a Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS (PEREIRA *et al*, 2011).

Devido às influências do Congresso de Milão, grande parte das instituições educacionais de surdos adotou a tendência do oralismo, a comunicação total e hoje possui uma proposta de educação bilíngue para os alunos surdos.

A proposta do bilinguismo objetiva que o ensino de LIBRAS para os alunos surdos seja primeira língua oficial e a segunda a língua portuguesa (também supracitada como língua majoritária) na modalidade escrita.

Durante muito tempo a sociedade criou uma imagem vista somente na concepção e no aspecto clínico-terapêutico de surdez, em que a pessoa era considerada deficiente auditivo e que poderiam ser curados para aproximarem do normal dito ouvinte. Mas com o passar dos anos essa concepção foi mudando devido às movimentações culturais da própria comunidade de surdos. Em meados do século XX a busca pelo ensino bilíngue onde tenham o direito de aprender em sua própria língua materna, que no Brasil é chamada Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) vem em busca de conquistar seu espaço. Com o

passar dos anos a luta para que haja igualdade vem tomando força com a maior participação e apoio não apenas dos surdos, como também dos ouvintes interessados em trabalhar com a educação inclusiva, sob um olhar interacionista.

Consideramos que a interação dos sujeitos é importante para a socialização e desenvolvimento e cabe à escola acolhê-los e trabalhar para que sua educação seja de qualidade e efetiva dentro do ambiente escolar. Promovendo a erradicação das ações de discriminação, seletividade que ocorre de alguns professores de certas instituições que se recusam a atender esse grupo, prejudicando assim seu desenvolvimento enquanto cidadão, além de anular o que é seu por direito.

Art. 2º [...] Considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (BRASIL, 2005).

Nesse caminho, a execução desse estudo é imprescindível porque a comunidade de alunos surdos necessita de atenção, de modo que sejam levadas em consideração no currículo escolar suas vivências e a partir das ideias propostas temos como objetivo geral à procura de compreender as concepções dos professores e discentes sobre a escola bilíngue, proposta de educação de surdos segregados (especializada).

## **Objetivos**

### Objetivo geral

Compreender as concepções de alunos e docentes sobre o processo de inclusão dos sujeitos surdos na escola comum.

### Objetivos específicos

- Conhecer quais são as principais dificuldades encontradas no processo de inclusão dos surdos;

- Entender quais são as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula pelos professores (as) destinadas aos alunos surdos;
- Verificar se alunos e professores conhecem, e como se posicionam sobre, a proposta de ensino bilíngue.

## **Metodologia**

Este estudo é de caráter qualitativo, pois possibilita novos enfoques sobre as concepções dos docentes e discentes surdos acerca da inclusão no ambiente regular de ensino. É importante destacar também que o método qualitativo envolve

um plano cuidadoso de emprego cuidadoso de métodos quantitativos e qualitativos deve supor que a análise dos dados se dê ao longo da execução do estudo, o que eventualmente pode provocar seu redirecionamento (NEVES, 1996, p.2).

Quanto aos meios, essa pesquisa se configura como um estudo exploratório, que foi realizado em uma escola própria que atende sujeitos surdos utilizando questionários como forma de entrevistas. Conforme Santos (1991):

a pesquisa exploratória é o contato inicial com o tema a ser analisado, com os sujeitos a serem investigados e com as fontes secundárias disponíveis. Nesse caso, o pesquisador deve ter uma atitude de receptividade às informações e dados da realidade social, além de uma postura flexível e não formalizada (*apud* RÉVILLION, 2003, p.23).

A produção de dados para obtenção de materiais para análise foi realizada por meio de questionários que foram aplicados aos próprios alunos surdos de uma escola e seus respectivos docentes, com a devida autorização da própria instituição e dos discentes.

Os sujeitos desse estudo foram três alunos e dois professores de uma escola de surdos, localizada no município de Vitória-ES.

## **Referencial teórico**

Este estudo está alicerçado na perspectiva sócio-histórica de Vigotski e de outros estudiosos que a defendem. Entenderemos os sujeitos surdos a partir das relações sociais, que possui déficits, mas principalmente potencialidades.

O pensamento e a linguagem são temas cujas contribuições vigotskianas contribuem em defesa da formação plena do sujeito, apesar de cada uma delas terem origem diferente e se desenvolverem em campos distintos, as mesmas se relacionam em certos momentos se encontram formando assim o psíquico humano. A linguagem<sup>4</sup> é um marco na vida do ser humano sendo um diferencial de outras espécies, habilitando a criança a desenvolver atividades antes não exploradas fazendo o uso do pensamento como um recurso na resolução de problemas (até antes mesmo de sua execução) onde temos para cada ação uma reação igual ou diferente. Ou seja, é primordial que a pessoa tenha um contato (convivência) social para um melhor desenvolvimento intelectual, promovendo um aperfeiçoamento de suas habilidades sejam físicas ou psicológicas (VIGOTSKI, 2008).

Segundo os pressupostos de Vigotski, cujas ideias defendem o pensamento inclusivo, acreditamos em uma educação que possa ser de todos, sem exceções. Ele foi um dos primeiros autores do século XX a defender o pensamento inclusivo, uma vez que suas correntes teóricas de pensamentos são interacionista, onde acontece por meio das relações sociais contribuindo para o aprendizado e desenvolvimento da pessoa como ser histórico-social e de direitos.

Vigotski se opõe à segregação de pessoas com necessidades especiais, baseado em pesquisas sobre os fundamentos da defectologia, em que se observa o desenvolvimento das funções psicológicas, o fato de isolamento<sup>5</sup> não contribui para que o indivíduo desenvolva melhor suas potencialidades.

---

<sup>4</sup> No caso do sujeito surdo sua linguagem natural é a LIBRAS.

<sup>5</sup> No caso desse estudo, os sujeitos surdos são isolados tanto em escolas especializadas como na família caracterizado um ato de superproteção de uma sociedade excludente.

Nesse caminho, concordamos com Vigotski, quando enfatiza que:

Provavelmente a humanidade vencerá a cegueira, a surdez e a deficiência mental. Porém as vencerá muito antes no plano social e pedagógico que no plano médico e biológico [...]. Está em nossas mãos fazer com que a criança cega, surda ou deficiente mental não seja deficiente. Então desaparecerá também este conceito, signo inequívoco de nosso próprio defeito. [...] graças ao sistema social modificado, a humanidade alcançará condições de vida distintas, mas sãs. A quantidade de cegos e surdos se reduzirá enormemente. Porém muito antes disso serão vencidas socialmente [...]. A educação social vencerá a deficiência. Então, provavelmente, não nos compreenderão quando dissermos de uma criança cega que é deficiente, senão que dirão de um cego que é um cego e de um surdo que é um surdo, e nada mais (VIGOTSKI, 1997, p. 82).

## **Desenvolvimento**

A fim de alcançar os objetivos propostos, a busca dos dados para evidenciar esta pesquisa foi realizada em uma escola da grande Vitória-ES. Essa instituição funciona como apoio especializado aos alunos surdos e aos deficientes auditivos, podendo estes serem da mesma comunidade em que a escola se localiza ou de outras regiões do Estado. Os sujeitos surdos desse estudo são, em sua maioria, estudantes que já concluíram o ensino médio ou estão no ensino Fundamental I e II e professores que atuam diariamente com esses discentes.

Os dados foram obtidos por meio de alguns dias de observação da rotina da escola, dos alunos e professores e recorreremos à aplicação de entrevistas semiestruturadas, três discentes Jonatan<sup>6</sup> e Graziella, que já compreendem bem a libras, e Matias aluno deficiente auditivo que é oralizado<sup>7</sup> e dois docentes, Diego e Paula.

Juntamente com a intérprete (que ora era pedagoga, ora professor (a)), que nos acompanhou desde o primeiro dia em que apresentamos a proposta do estudo,

---

<sup>6</sup> Todos os nomes utilizados nesse estudo são fictícios, a fim de se preservar a identidade dos sujeitos entrevistados.

<sup>7</sup> Surdos oralizados são aqueles que leem lábios, que falam (ou não), que dominam o português escrito (e até outras línguas, mas não são todos os surdos que dominam o português) e que usam (ou não) a tecnologia para ter uma percepção auditiva em partes.

as entrevistas foram recebidas de forma espontânea pelos sujeitos da instituição e foram acrescentadas curiosidades dos próprios entrevistados e das entrevistadoras.

Assumindo a perspectiva de Vygotsky, partimos do princípio de que nós e o mundo real, que nos insere, estamos em permanente movimento e transformação (COSTA, 2006, p.2).

Inicialmente as observações foram realizadas em sala de aula no turno matutino, utilizando-se da técnica de registro contínuo para produção de dados. Como critério dessas notas, analisamos como se dava a relação entre professor e aluno, quais atividades eram trabalhadas e propostas aos mesmos e como é avaliado (pensado) o processo de ensino e aprendizagem. A relação aluno-professor-família também foi posta em pauta com a finalidade de saber como é a participação e incentivo a aprenderem a LIBRAS e como contribui para a educação e vida pessoal desses alunos. Vejamos os registros a seguir:

O discente Jonatan, quando questionado sobre a participação de sua família, diz que:

*moro com meus avós e não participam da minha vida escolar. Não acredito na inclusão, pois quando frequentei a escola comum só havia eu de surdo na sala de aula, não tinha uma profissional capacitada para me acompanhar, me sentia deslocado, contudo fiquei prejudicado em meu desenvolvimento e aprendizagem e me fez desistir de estudar. Não sou a favor da escola bilíngue, gosto muito do CAS<sup>8</sup> me sinto muito bem em um local específico para mim. Gosto de todos os professores me tratam com respeito, demonstram domínio nos conteúdos e em LIBRAS.*

Conforme fala do educando acima, pode-se observar que sua experiência na escola comum e a falta de incentivo familiar contribuiu para sua visão sobre o que é inclusão, ficasse apenas restrita a associação de surdos. Servindo como um local de socialização entre seus pares, segundo autores abaixo, defendem:

As associações de Surdos também são lugares onde eles se encontram para bater papo, desenvolver as relações políticas e sociais e realizar atividades esportivas e de lazer. Elas estão espalhadas pelo

---

<sup>8</sup> Utilizaremos a sigla CAS durante todo o estudo ao decorrer desse artigo.

Brasil e resultam do interesse dos Surdos de criar um espaço de encontro, mas de forma mais organizada e institucionalizada (PIMENTA & QUADROS, 2007,2009, *apud* PEREIRA *et al*, 2011, p. 44).

Devido à sua afinidade com o corpo docente, Jonatan possui maior facilidade em compreender os conteúdos na Escola especializada, porém quando frequentou a escola comum não tinha uma boa compreensão por falta de apoio da escola.

Ao ser questionado qual grau de importância que a escola comum tem em sua vida? E se tem contribuído para exercer sua função como cidadão?

Jonatan relata não ter contribuído em muita coisa, pois não tinha seu espaço respeitado e muito menos conseguia se socializar com os outros alunos e professores que eram ouvintes. Dessa forma, não acredita que a escola comum lhe ajudou em sua função perante a sociedade.

Quando o aluno supracitado frequentou a escola especializada notou mudanças e melhorias enquanto indivíduo com atitudes tais como: se comportar perante as outras pessoas, tanto surdos ou ouvintes, conseguir emprego e socializar.

A entrevista de Matias (22 anos de idade), por ser aluno oralizado, deu-se sem a necessidade de um intérprete. Diferentemente de Jonatan, concluiu o ensino médio e atualmente é acadêmico do curso de Arquitetura e Urbanismo cursando o sétimo período em uma faculdade de Vitória-ES. Devido à sua participação com frequência ao CAS, desde o ano 2016, percebeu a importância da LIBRAS para a construção de sua identidade surda, que serviu como incentivo para que sua família buscasse ajuda com um profissional da área de fonoaudiologia, como forma de aperfeiçoamento em sua leitura labial.

Ao ser questionado a respeito de seu aprendizado da LIBRAS diz que:

*Estou me aperfeiçoando cada dia mais na língua, porém, minha maior dificuldade é transformar a Língua Portuguesa em LIBRAS.*

Vale ressaltar a importância da LIBRAS como linguagem da comunidade surda, como aponta citação abaixo:

A aquisição de uma linguagem, no caso da língua de sinais, é de extrema importância para o desenvolvimento de uma identidade pessoal surda sem mediação semiótica o mundo individual e social não se organiza, já que o pensamento se estrutura pela linguagem (VYGOTSKY *apud* FONTES,2008).

Matias considera os professores do CAS bons, pois auxiliam na compreensão das disciplinas da faculdade, sendo essa instituição de ensino uma escola comum e dispõe somente da ajuda de intérprete. Percebendo a grande importância que os estudos têm corroborado em sua formação enquanto cidadão de direitos e deveres, atingindo melhorias após frequentar a escola especializada.

Ao indagarmos a respeito da inclusão nas escolas, Matias diz que:

*sei o que é inclusão e que existe nas escolas, caso contrário não estaria frequentando a faculdade, no entanto ainda não conheço a proposta bilíngue.*

No relato acima é possível observar a importância da concepção sócio-histórica de Vigotski uma vez que a interação com o meio tem contribuído para que o sujeito faça parte da realidade do mundo onde vive. O ser humano se desenvolve intelectualmente por meio de mediações com a sociedade, aprendendo e se apropriando da cultura, formando assim sua identidade.

Graziella, aluna com 30 anos de idade, ensino médio completo em escola comum, frequenta apenas o CAS. Percebe que sua família é bem participativa e a incentiva a continuar frequentando a escola especializada. Tem domínio em LIBRAS e por ter afinidade com os professores (as) compreende e entende as disciplinas aplicadas inclusive ajuda aos demais alunos no aprendizado. Ao contrário de quando frequentou a escola comum, por perceber essa diferença prefere uma escola especializada e não a proposta do ensino bilíngue, acha que na outra instituição apenas inserindo o aluno na sala de aula sem nenhum recurso “*isso não é inclusão*” Graziella enfatiza:

*a escola comum não contribuiu muito em minha vida como indivíduo e muito menos em exercer minha função como cidadã a partir das minhas experiências vividas.*

A respeito do CAS Graziella diz que tem auxiliado muito em sua vida porque contribuiu de forma exitosa para seu crescimento pessoal. Gosta muito de estar com seus amigos e professores (as) do CAS. Esse registro vai ao encontro com o que Vigotski propõe acerca de tornar a educação possível para além da fala segundo a afirmação: “Vygotsky afirma que não é somente através da aquisição da linguagem falada que o indivíduo adquire formas mais complexas de se relacionar com o mundo que o cerca” (VYGOTSKY *apud* REGO, 2002, p.68).

Tivemos a participação de Diego, professor surdo<sup>9</sup> formado pela EAD-UFC- Polo UFES, em 2008, graduado em LETRAS LIBRAS, pós em LIBRAS. Deliberamos explorar mais suas experiências enquanto surdo e docente, pois certamente poderia nos passar com propriedade como é ser surdo e enfrentar as lacunas no campo educacional. Quando interrogado sobre: Quando frequentou a escola regular/faculdade como se sentiu? Respondeu:

*Na escola comum do Rio de Janeiro havia inclusão, frequentei o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) durante três anos, na escola em Vila Velha-ES me sentia só, pois a inclusão era falsa, não tinha intérprete na escola e era muito difícil. O surdo se sentia deslocado, não havia interação entre os surdos e ouvintes, por outro lado na faculdade sendo uma escola própria para surdos, tive apoio e facilidade em todas as áreas. Trabalho com sujeitos com necessidades educacionais especializadas desde 2008. Não concordo com a inclusão escolar, nós surdos precisamos de uma Instituição própria, no RJ e São Paulo tem escola própria para surdos, acho que no Espírito Santo deveria ter várias escolas especializadas para surdos.*

Sobre a proposta do ensino bilíngue relata sobre as experiências que vivenciou no INES diz que foi muito bom, serve como apoio, mas o ideal seria se tivesse a escola própria para surdos.

A visão do bilinguismo supracitada vai ao encontro das afirmações a seguir:

A língua de sinais, uma língua visual-espacial com gramática própria, é uma das maiores produções culturais dos Surdos (PERLIN, 2006). Lane, Hoffmeister e Bahan (1996) referem que a língua de sinais tem

---

<sup>9</sup> O professor ressaltou que é surdo desde que nasceu.

basicamente três papéis para os Surdos: ela é símbolo da identidade social, é um meio de interação social e é um depositário de conhecimento cultural (PEREIRA *et al*, 2011, p.34-35).

Apesar de o professor dominar LIBRAS, seu maior obstáculo que enfrentou e enfrenta em sua área de atuação é a falta de interesse dos alunos e falta de investimento em materiais didáticos para trabalhar.

Diego destacou que:

*o professor tem que produzir seus materiais didáticos, que auxiliam no ensino aprendizagem e criar estratégias e técnicas. Sendo assim se perde muito tempo e atrasa o desenvolvimento das atividades, prejudicando a si e principalmente os discentes, deixando de desenvolver um trabalho com mais eficácia.*

Relata que não conhece muitas escolas regulares verdadeiramente inclusivas, que as escolas apenas inserem o aluno na sala de aula sem qualquer investimento, estratégias ou até mesmo sem um profissional capacitado para que seja feito um excelente trabalho com o surdo, afirmando que: *“isso não é inclusão”*.

Diego acredita que a existência de uma escola destinada apenas aos alunos surdos haveria maior/melhor contribuição no processo de aprendizagem e desenvolvimento desses sujeitos. Deveria ter em todos os estados do Brasil uma escola igual a escola especializada do RJ, cujo o foco é o surdo, dessa forma teria uma educação com maior qualidade para os surdos. Enfatiza que muitos sujeitos surdos na escola comum possuem déficits em seu processo de alfabetização, percebendo que os alunos apenas copiam conteúdos, não havendo compreensão e entendimento do contexto. Às vezes os intérpretes dão respostas prontas para os alunos, trazendo prejuízo ao surdo por não está absorvendo os teores de modo a ajudá-lo em outras disciplinas, atividades, no dia a dia, na socialização entre outros.

A entrevistada Paula (ouvinte), professora que atua com os surdos, formada pela FADE-Faculdade de Educação do Espírito Santo, possui 4 anos de formação acadêmica. Ainda na faculdade percebeu a grande necessidade de um profissional especializado para auxiliar os surdos em sua formação como

indivíduo, formação profissional. Trabalha com sujeitos com necessidades educacionais especializadas há 2 anos, entende por inclusão escolar onde a escola que tem que se adaptar a realidade do aluno, dessa forma estará acontecendo a verdadeira inclusão. É a favor do ensino bilíngue, pois trata-se de adaptar-se a realidade do aluno surdo.

A professora possui domínio em LIBRAS, sendo seu maior desafio quando os alunos não têm domínio em sua língua natural<sup>10</sup> e há comprometimento cognitivo. Diz que as escolas da grande Vitória-ES são inclusivas, fazendo os atendimentos especializados sendo ofertado no contraturno, com profissionais capacitados. Paula acredita que a existência de uma escola destinada apenas aos alunos surdos não contribui de modo geral no processo de aprendizagem e desenvolvimento desses sujeitos no sentido em que eles precisam se socializar na comunidade ouvinte.

A partir de um olhar interacionista, enxergamos o mundo cheio de pluralidades, não se restringindo apenas a essa comunidade, consideramos a educação segundo Vygotsky, o aprendizado de modo geral e o aprendizado escolar em particular, não só possibilitam como orientam e estimulam processos de desenvolvimento (VYGOTSKY *apud* REGO, 2002, p.75).

Quando indagada a respeito dos sujeitos surdos na escola comum que não são alfabetizados a quem/ ou ao que se pode atribuir essa realidade? Paula diz:

*Não se deve responsabilizar alguém, pois envolvem muitas questões, família, aluno, cognitivo, subjetividade de cada um.*

Acrescenta ainda que:

*Quando o professor vem para sala de aula tem que dá o seu melhor, pois os alunos têm direito a educação de qualidade.*

---

<sup>10</sup> A língua natural dos surdos é a LIBRAS (GESSER, 2009).

De acordo com Vygotsky, o desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionados desde o nascimento da criança. [...] desde muito pequenas, através da interação com o meio físico e social, as crianças realizam uma série de aprendizados (VYGOTSKY *apud* REGO, 2002, p.76). Esses aprendizados devem seguir conforme está amparada por lei, no que se refere a educação LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Analisando as entrevistas acima, percebe-se que muitos encontram obstáculo na educação justamente por não serem respeitados pela sua identidade social e acabam sendo considerados excepcionais pela sociedade majoritariamente ouvinte.

Porém entendemos que devido às experiências de vida muitas vezes desagradáveis de cada entrevistado, talvez seja por esses motivos que não concordem com a inclusão mascarada que algumas escolas comuns dizem justapor.

A maioria dos entrevistados se opõe à concepção da inclusão escolar dos sujeitos surdos que tem ocorrido em muitas escolas comuns, pois acreditam que a aprendizagem não ocorre de forma eficaz e efetiva dentro delas. O exposto vai contra os pensamentos de Vigotski e de outros autores, veja afirmação descrita abaixo:

Uma das premissas vygotkianas fundamentais, que afirma que as condições do desenvolvimento psíquico derivam da qualidade das trocas sociais, estaria diretamente implicada na decisão pedagógica de integrar (ou incluir) ou não os alunos com necessidades educacionais especiais na escola comum (BEYER, 2011, p.2).

### **Algumas considerações**

Este trabalho aponta e discute as concepções de alunos e docentes acerca da inclusão de sujeitos surdos na escola comum, baseados em autores como Rego, Pereira e Gesser. Esses marcam suas perspectivas sobre a educação inclusiva sob um olhar sócio-histórico assinalada por Vigotski, autor que serviu como aporte para análise dos dados dos sujeitos do estudo.

A inclusão apresenta muitas vulnerabilidades na escola comum, não incluindo o aluno surdo na educação básica de maneira exitosa em alguns espaços. Percebemos também que muitos alunos não souberam dizer com propriedade em suas respostas conceitos básicos como: O que é segregação? O que é uma escola inclusiva? O que vem a ser proposta bilíngue? A partir do exposto, percebe-se a necessidade de trabalhar de maneira mais eficaz, trazendo informações aos discentes logo que inseridos no ambiente escolar. Nas políticas públicas voltadas para os alunos surdos, temas como bilinguismo, por exemplo, carecem ser desenvolvidos por meio de projetos, de forma que os discentes tenham entendimento e compreensão do assunto, que lhe dizem respeito aos seus interesses públicos e privados. Assim, seus direitos enquanto cidadãos serão preservados.

Por meio das opiniões dos professores e dos alunos objetos desse estudo, apesar de a maioria não defender a inclusão e a educação bilíngue, entendemos que existem sim lacunas no campo da educação, as quais precisam de investimentos tais como informação, formação continuada para professores surdos e ouvintes, capacitação dos intérpretes, apoio educacional, confecção de materiais didáticos, estrutura física das escolas, entre outros.

Em suma, partindo da nossa perspectiva e da professora ouvinte, a inclusão do sujeito surdo na escola comum é o melhor caminho, a partir do momento que for trabalhada com esmero e o cotidiano do aluno for considerado em todo o processo de planejamento das ações. Essa aspiração deixa de ser uma mera utopia, para finalmente ser concretizada, desde que haja engajamento,

capacitação, seriedade, disposição dos profissionais da educação e aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

## Referências

ALMEIDA, W. G., (org). **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, 197 p. ISBN 978-85-7455-445-7. Available from SciELO Book. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/m6fcj/pdf/almeida-9788574554457.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2017.

BEYER, H. O. **Por que Lev Vygotski quando se propõe uma educação inclusiva?** Revista Educação Especial, Santa Maria, Edição 2005, p. 75-81, dez. 2011. ISSN 1984-686X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/4400/2574>>. Acesso em: 02 nov.2017.

BRASIL. **Decreto-lei nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 08 out. 2017.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de Abril 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm)>. Acesso em: 08 out. 2017.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Dispõe e estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 08 out. 2017.

COSTA, D. A. F. **Superando limites: a contribuição de Vygotsky para a educação especial.** Revista. Psicopedagogia, V.23, ed.72, 2006. Disponível em: <<http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/378/superando-limites-a-contribuicao-de-vygotsky-para-a-educacao-especial>>. Acesso em: 15 maio.2018.

FERNANDES, E. (organizadora). **Surdez e Bilinguismo.** 7. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

GESSER, A. **Libras? que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa- características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, V.1, 3,2º SEME. / 1996. p.2.

PEREIRA, M. C. da C. et al. **Libras conhecimento além dos sinais**. 1. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: aquisição da linguagem**. 1. Ed. 2008. Porto Alegre: Artmed, 1997.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 14.Ed. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2002.

SALES, E. R. de; SALES, A. de C. M. , SILVA, F. H. S. **Deficiência e educação: uma perspectiva histórica da educação de surdos**. Interfaces da Educ., Paranaíba, V.3, n.9, p.30-44, 2012. Disponível em: <[http://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article /view/550](http://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/550)>. Acesso em: 08 out. 2017.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas V**. Fundamentos de defectologia. Madrid: Visor Distribuições, 1997.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.